



Geografias Feministas Negras: um chamado à insurgência

Geografías feministas negras: un llamado a la insurgencia

Black Feminist Geographies: A Call to Insurgency

Organizadores do Dossiê e Texto de Apresentação:

Cíntia Cristina Lisboa da Silva
Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil

Florence Marcolino Barboza
Universidade de São Paulo- Brasil

Raquel Almeida Mendes
Universidade Estadual de Campinas – Brasil

É com muita alegria e trabalho coletivo que este dossiê chega ao mundo. Inicialmente, a proposta se deu como uma chamada aberta onde convidamos pesquisadoras e pesquisadores que trabalhem com a relação entre gênero e as questões étnico-raciais na problematização do espaço geográfico.

Os espaços de produção de conhecimento reverberam as desigualdades raciais e de gênero há muito fomentadas na constituição do sistema mundo moderno-colonial, na reiteração de histórias e geografias únicas contadas e contextualizadas na perspectiva do homem-branco-europeu-colonizador.

Assim, por meio deste dossiê, podemos visibilizar as geografias ainda tidas como outras, advindas das disputas e intersecções de corpos e saberes localizados na periferia do pensamento geográfico, entendendo a potencialidade desse lugar marginal como agente capaz de tensionar os paradigmas científicos tradicionais, pautados na universalidade, objetividade e impessoalidade, a partir das epistemes e práticas espaciais das Geografias Feministas Negras.

Reverberando a insurgência, 14 artigos são publicados nesta edição especial, sendo o primeiro, o artigo de Guélmer Júnior Almeida de Faria, intitulado *Vidas móveis em trânsitos cotidianos: a mobilidade das empregadas domésticas em contexto urbano na cidade de Montes Claros- MG*, onde o autor investiga a apropriação dos espaços públicos por parte de empregadas domésticas negras. A pesquisa destaca, dentre outras coisas, como as mobilidades cotidianas dessas mulheres se territorializam e se manifestam nas cidades, revelando táticas de resistência às formas de controle social, discriminação racial e de gênero que permeiam seu trabalho e seus deslocamentos.

Já o artigo *Geografia e trabalho: uma análise interseccional do trabalho doméstico remunerado entre mulheres negras de Ana Paula*

Melo da Silva e Fernando Primo aborda o lugar da mulher negra no trabalho doméstico remunerado no Brasil. Ao focar na discussão sobre escolaridade, carteira assinada e rendimentos mensais, a autora vai além das interpretações monofocais frequentemente encontradas, que consideram somente a condição econômica ou a divisão sexual do trabalho, revelando complexidades e condições específicas por vezes negligenciadas para interpretar as desproporções intragrupo.

Por sua vez, o trabalho Territorialização da violência contra mulheres: uma análise sobre a confluência de desigualdades na capital fluminense, de Joice de Souza Soares, apresenta a violência contra mulheres na cidade do Rio de Janeiro a partir de entrelaçamentos como raça, gênero e território. Com isto, a autora apresenta que em todos os anos analisados, as mulheres negras são a maioria no que se refere a incidência de violência, do mesmo modo que os territórios com piores indicadores sociais elevam a experiência da violência contra tais mulheres. O destaque deste trabalho se dá na importância da dimensão espacial para a maior complexidade dos fenômenos sociais.

Geovana Kellen, no artigo Território ancestral e a resistência feminina do povo Borari de Alter do Chão – Amazônia Paraense, investiga a relação entre território, ancestralidade e espaço cosmológico para as mulheres indígenas Borari. A partir de uma abordagem que destaca aspectos materiais e imateriais do território, Giovana analisa como essas dimensões fundamentam as identidades e reivindicações de mulheres indígenas. Através de trabalhos de campo o estudo mostra como a perspectiva de gênero contribui para compreender as lutas e os movimentos dessas mulheres em defesa de seu território ancestral.

Desigualdade Sob as Águas: O Impacto da Injustiça Climática nas Mulheres da Ilha de Paruru do Meio - Pará, é o artigo de Marília Lisboa e Alan Nunes Araújo que examina os impactos da Usina Hidrelétrica de Tucuruí sobre as mulheres ribeirinhas de Paruru do Meio, no Pará, adotando uma abordagem interseccional que articula geografia crítica, ecofeminismo e justiça ambiental. A pesquisa evidencia a dupla sobrecarga enfrentada por essas mulheres, que lidam tanto com a intensificação do trabalho doméstico e da reprodução social quanto com os efeitos diretos da degradação ambiental e das transformações socioeconômicas impostas pelo empreendimento.

O sexto artigo é Outros futuros: nossas negras geografias no fazer científico, escrito por Fernanda de Faria Viana Nogueira e Tais Alves Teixeira que se insere no movimento de questionamento das bases coloniais e patriarcais da ciência geográfica, reivindicando a centralidade do corpo e da experiência vivida na produção do conhecimento. Ao criticar a objetividade como princípio excluente, as autoras dialogam com pensadoras feministas e fenomenológicas para construir uma abordagem que reconheça e incorpore as geografias de mulheres negras. Mediante a ausência de tais perspectivas e a continuidade das violências epistemológicas impostas pela colonialidade, o estudo aponta para a necessidade de uma Geografia insubmissa, enraizada na corporeidade e nas trajetórias dessas mulheres.

Para pensar geografias de mulheres negras em espaços de branquitude: a universidade em foco, de Priscila Batista Vasconcelos e Susana Dainara Terto de Oliveira, apresenta reflexões sobre a presença de mulheres negras nas

universidades, entendidas como espaços de branquitude. A metodologia utilizada é “desde dentro”, onde relatos e experiências próprias figuram como suporte relacional à teoria situada e corporificada. Deste modo, ainda que a universidade seja tida como um espaço branco e excludente para muitos corpos, neste caso a partir da intersecção de gênero e raça, o mesmo é tido como um espaço em disputa capaz de promover rupturas e apresentar cenários promissores, se pautado na perspectiva crítica e antirracista.

O oitavo texto, *As abordagens temáticas e conceituais sobre mulheres negras na produção de artigos na geografia brasileira*, escrito por Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra e Felipe Eduardo Melo dos Santos apresenta os conceitos e teorias encontradas na geografia brasileira em relação às mulheres negras. Com isto, indicam que a geografia é fruto de relações de poder que invisibilizam vivências, experiências e discursos na prática geográfica, que por sua vez cria temáticas e conceitos centrais e periféricos. Ao trabalharem com um tema marginal, a partir de dados do Observatório da Geografia Brasileira, indicam que a discussão se insere na geografia junto às questões raciais e de gênero, tendo forte ligação com a interseccionalidade, ganhando força a partir de 2010.

No texto de Ivan Ignácio Pimentel, Jeziel Silveira Silva e Ulisses da Silva Fernandes, intitulado *As heranças da modernidade e a hipersexualização do homem negro: o esvaziamento de si e o corpo como um espaço*, os autores destacam como a modernidade construiu o corpo do homem negro como um espaço de desumanização, associando-o à brutalidade, virilidade e primitivismo, traços que ainda são reforçados pela sociedade contemporânea, especialmente através da pornografia. Utilizando uma análise de conteúdo, o estudo propõe uma reflexão sobre como essas percepções raciais, ainda presentes no imaginário social, afetam a percepção do corpo negro na sociedade e no ambiente virtual.

“Quando tu dança, tu existe”: masculinidades pretas e(m) movimento, de Camila Reis Tomaz, Ivan Ignácio Pimentel e Genilson Leite da Silva aborda reflexões e incômodos experienciados após conjuntas participações em eventos científicos. Com isto, a autoria traz aspectos de uma masculinidade negra não hegemônica, sobretudo em uma vivência que se alimenta da arte-dança como parte essencial de ser e estar no mundo. Deste modo, o corpo do homem negro ganha destaque ao apresentar tensões e rupturas no que diz respeito a performatividade de gênero e de sexualidade.

Rachel Cabral da Silva, Ana Beatriz da Silva e Monique Bonifácio Barrozo ao escreverem o artigo *Geografias das Mulheres Negras: Colonialidade, Reexistência e Reivindicação de Espaços*, apresentam uma discussão com relação à trajetória geográfica vivida por mulheres negras em diáspora, sobretudo no que se refere às questões do racismo e sexism. Para tanto, as autoras indicam a necessidade e importância de se repensar e reformular o ensino de geografia, tornando-o crítico e com capacidade de combater narrativas violentas. Nesta perspectiva, para as autoras, a geografia pode e deve falar de visões pluriversais e de temas invisibilizados, valorizando diferentes (e próprias) experiências e discursos geográficos.

“Eu só mostrei que eu existo! Que sou Marivalda, filha de Xangô!”: Rainha Marivalda e sua luta contra o apagamento social através do Maracatu-Nação



(Recife –PE), de Larissa Lima de Souza, analisa as relações entre espaço, cultura e identidade da mulher negra, focando nas territorialidades de Marivalda Maria dos Santos. A pesquisa utilizou metodologia qualitativa com observação participante, entrevistas e conversas cotidianas. Os dados indicam que o maracatu-nação atua como instrumento de visibilidade socioespacial e fortalecimento da autoestima de mulheres e comunidades negras.

Em *A mulher que abriu caminhos: uma liderança feminina no Quilombo Grilo, Paraíba.*, Brasil, de Leide Joice Pontes Portela e Maria Salomé Lopes Fredrich exploram as territorialidades de Leonilda Coelho Tenório dos Santos, conhecida como Paquinha, que há mais de duas décadas lidera a resistência e a organização comunitária no quilombo do Grilo, no agreste paraibano. Por meio de uma abordagem interseccional da Geografia e do método da História de Vida, as autoras destacam o protagonismo das mulheres negras na luta pela terra, evidenciando como raça, gênero e território se entrelaçam nas dinâmicas de organização quilombola.

Por fim, Ana Carolina Santos Barbosa e Larissa Costard Soares no texto *Enfrentamentos curriculares tecidos entre agências feministas e saberes ancestrais: Uma proposta para o ensino do 7º ano do ensino fundamental*, fecham o nosso dossiê refletindo sobre o avanço da agenda conservadora sobre as temáticas de gênero e sexualidades nas escolas. A partir de uma proposta interdisciplinar, as autoras indicam como desnaturalizar desigualdades corporificadas por meio de saberes ancestrais e matrilineares, fortalecendo a discussão de sociedade e natureza por meio de uma geografia crítica.

Dessa forma, chegamos ao fim deste dossiê, fruto do compromisso coletivo de diversas vozes e saberes de intelectuais feministas negras e indígenas. Cada pesquisa e prática de disseminação de conhecimento aqui apresentada não apenas fortalece um subcampo fundamental da Geografia, mas também desafia os paradigmas hegemônicos que têm moldado a ciência, propondo novas formas de compreender e interagir com o espaço, que levam em conta as intersecções entre gênero, raça, etnia e outras dimensões identitárias.

Ao questionar a objetividade, a universalidade e a impessoalidade da Geografia tradicional, cada artigo nos convida a refletir sobre os efeitos tangíveis da colonialidade e das dinâmicas patriarcais no ensino, na pesquisa e na prática geográfica. Este dossiê, portanto, se coloca como uma resposta firme ao apagamento e à morte epistemológica das geografias que emergem das margens, ampliando os horizontes de nossa compreensão e ação no mundo. As geografias das mulheres negras, indígenas e periféricas não são apenas essenciais para entender as dinâmicas espaciais nos contextos urbano e rural, mas também para transformar esses espaços de maneira profunda, radical e significativa.

Cíntia Cristina Lisboa da Silva, Florence Marcolino Barboza e Raquel Almeida Mendes
Apresentação

Cíntia Cristina Lisboa da Silva, Florence Marcolino Barboza,
Raquel Almeida Mendes